

Entrevista a Amílcar Silva

# “Qualidade dos mutuários impede cedência de mais crédito à economia”

O presidente da Associação de Bancos Angolanos (ABANC) está satisfeito com o desempenho do sector em 2013, mas espera um 2014 “bem melhor”. Mas o malparado, que por vezes chega aos tribunais, continua a preocupar.

FRANCISCO DE ANDRADE

**A Deloitte apresentou a 9.ª edição do Banca em Análise 2014, um estudo que reflecte o desempenho do sector bancário nacional em 2013. Como é que a ABANC encara os resultados?**

Fiquei regozijado, porque se confirmaram os indicadores da ABANC e também que os bancos continuam a crescer. Depois de um ano de 2011 que foi, de facto, modesto, houve uma retoma em 2012, e em 2013 registou-se uma significativa ascensão que vem demonstrar que a banca está consolidada, é credível e tem a solvabilidade e a liquidez necessárias para financiar a economia e satisfazer os seus clientes. Em suma, o desempenho da banca no ano passado foi positivo, e estamos à espera de um 2014 bem melhor.

**O volume de crédito cedido à economia foi o esperado?**

Houve um aumento do crédito muito interessante, a um ritmo que representa quase o triplo do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), e isto é importante. Se repararmos e compararmos o crescimento do sector não petrolífero com o crédito bancário concedido, vamos ver que o rácio de transformação é muito maior, e é aí que deve comparar-se, porque o PIB petrolífero não passava pelos bancos, esperando-se que o sector venha a ter alguma influência apenas a partir de 2015. Até lá, é o PIB não petrolífero que deve ser mensurado com o volume de crédito dado pelos bancos. Portanto, o nível de transformação de depósitos em créditos é bem maior do que aquele que normalmente tem sido divulgado.

**Comparativamente a 2012, registou-se um crescimento de 14% do crédito concedido pela banca, mas há quem defenda que o volume podia ser bem maior. O que é que impede, afinal, que mais empréstimos possam ser cedidos à economia?**

Se fizerem uma análise, vão concluir que o volume do crédito vencido não pago está elevado. Se o compararmos com outros países em relação aos quais estamos bem acima noutros indicadores, verifica-se que estamos, de facto, muito mal. O nosso crédito cresce a um nível que não é o desejável,



mas cresce tendo em conta a qualidade dos mutuários, que ainda é fraca, a julgar pelo facto de termos um crédito vencido não pago de 11%.

**O que fazer para se inverter esta tendência?**

Todas aquelas empresas e famílias que acedam ao crédito, que têm uma vida normalizada, que honram os seus compromissos e que conhecem o seu negócio, têm sempre crédito. Quem não tem crédito são aquelas pessoas que não conhecem ainda o seu negócio, que não são suficientemente estruturadas nem capitalizadas e que, portanto, aconselham cautela aos bancos.

**O que pode ser feito para se controlar ou reduzir o volume de malparado?**

A banca tem reformulado os gabinetes de atendimento às empresas, melhorou a qualidade das análises e está a “puçar” pelas empresas, obrigando-as a fornecerem os dados de que precisam e a dimensionarem bem os seus créditos. Isto tem melhorado bastante a ligação entre clientes e ban-

cos. A verdade é que há muita gente que quer ‘tocar’ a sua vida para a frente e entende que, para tal, tem de trabalhar por conta própria e que, para que tal se concretize, tem de ser com crédito bancário, mas nem sempre deve ser assim.

**Têm ido parar casos de malparado à justiça?**

Existem alguns casos na justiça, mas chegar a esse ponto é um caso extremo. Nenhum banco gosta de ir à justiça para dirimir questões de incumprimento dos seus clientes. Procuramos sempre negociar com o cliente, medir bem o seu negócio, aferir bem a capacidade que cada um tem de honrar os seus compromissos. Sempre que há condições para melhorarmos, melhoramos. Quando não há, vamos para a justiça...

**Fala-se da falta de crédito ao sector primário, sobretudo à agricultura. Mas, no ano passado, o crédito cedido a este sector cresceu, atingindo 4% do total. Está a crescer a confiança nos empresários do ramo?**

**“Quem não tem crédito são aquelas pessoas que não conhecem ainda o seu negócio, não são suficientemente estruturadas nem capitalizadas”**

O que se passa é que há mais gente a trabalhar na agricultura – e gente com outro tipo de qualidade. Já estamos a sair daquela agricultura de subsistência, rumo a uma agricultura mais industrial. Temos muito mais grandes superfícies comerciais que compram o resultado da produção agrícola, embora ainda haja situações que têm de ser melhoradas.

**Está a referir-se a que situações, concretamente?**

Estas grandes superfícies também têm ainda períodos muito largos para pagarem, e deixam assim pequenos agricultores numa situação de risco de incumprimento para com os bancos. Mas pensamos que tudo isto vai melhorando à medida que esse volume agrícola for sendo intensificado. É importante, igualmente, que o agricultor pense que a sua produção não é só para ser vendida em Luanda. Ela deve ser vendida também no interior do País, como forma de satisfazer também a economia que lá existe.